

Festa guarani lembra resistência dos índios

Fotos de Arnaldo J. Oliveira

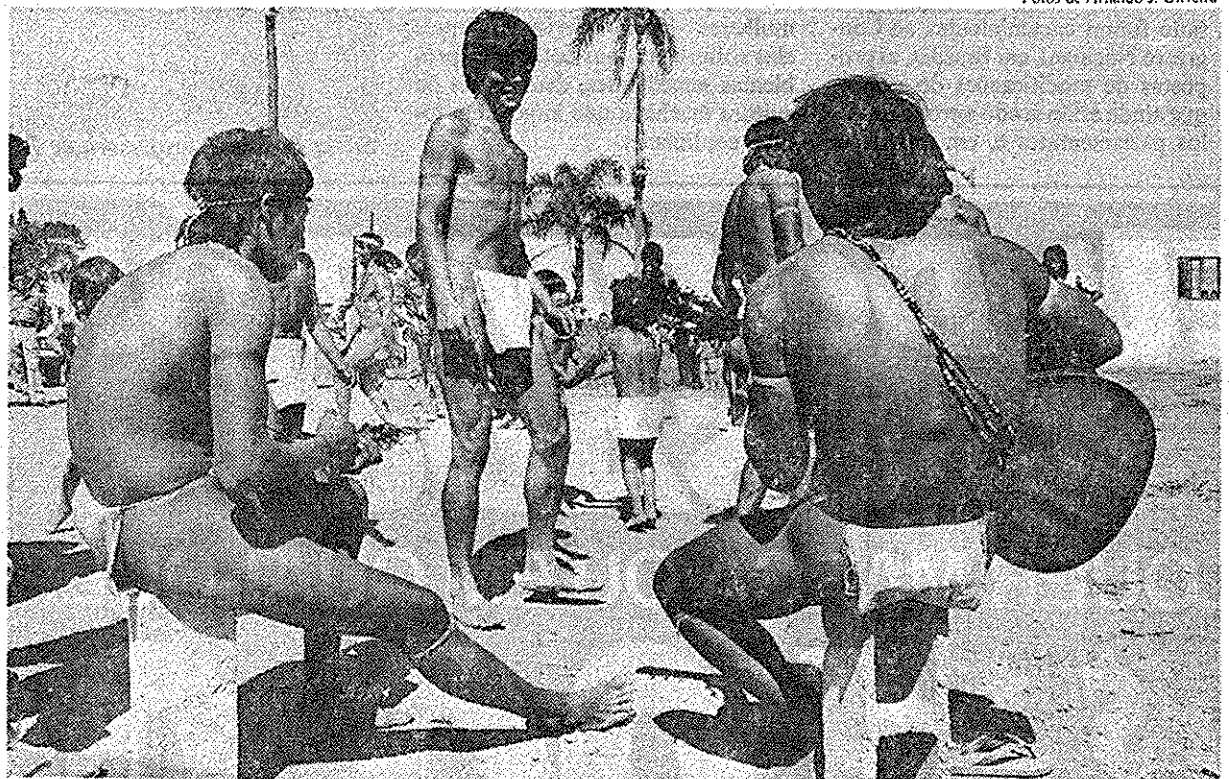
Ao som do *sondaro*, dança guerreira de preparação para a luta, a comunidade de índios guaranis que vive na aldeia Morro da Saudade, em Barragem, a 60 quilômetros da praça da Sé, apresentou ontem o projeto Quinhentos Anos de Resistência Indígena. Além da construção de uma escola para educação bilingue e de um centro cultural dentro da própria reserva, o programa inclui aulas práticas, debates, seminários e o julgamento dos conquistadores da América através de um tribunal que será convocado no encerramento da campanha, dia 12 de outubro.

Lançado um dia antes das comemorações oficiais do Dia Nacional do Índio, o projeto indígena também se contrapõe às celebrações em torno dos 500 anos do descobrimento da América. Segundo o índio e professor de História Karai Mirin, a questão do índio é complexa e as obras que estão em execução na aldeia guarani são um passo importante para que a população local resgate seus valores culturais, possa exercer a cidadania e ganhe independência.

Formando pela Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro, Karai Mirin explicou que os guaranis querem viver em paz sem deixar de ser índios. Ele denunciou inclusive que a nação indígena de modo geral possui muitos inimigos, alguns infiltrados em órgãos governamentais e em entidades assistenciais que, na realidade, lutam contra a emancipação do índio. A Fundação Nacional do Índio (Funai) é encarada como órgão exclusivamente político e que não atua de acordo com os interesses de quem representa.

As obras do futuro Centro de Cultura Guarani Ambá Arandu estão sendo financiadas pela Fundação Schmidt, da Alemanha, e estarão concluídas em junho, assim como a escola. Karai Mirin não revela quem está administrando a verba e alega motivos de segurança, mas garantiu que o dinheiro não permitiria que as nove comunidades guaranis do Estado se alimentassem por uma semana. A primeira parcela da doação foi de US\$ 32,5 mil.

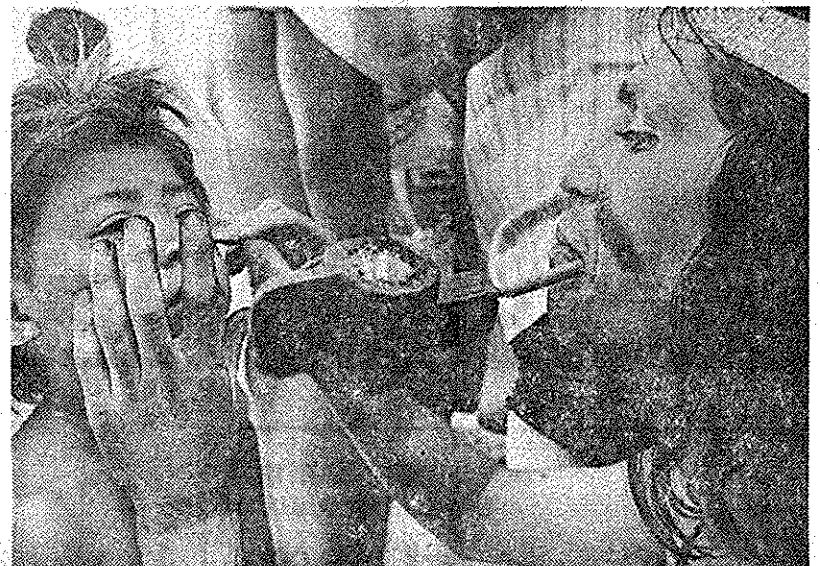
Na aldeia Morro da Saudade vivem 46 famílias, num total de 205 pessoas, das quais 120 são crianças de zero a 11 anos. A reserva ocupa uma área de sete alqueires, onde os guaranis vivem em situação de extrema dificuldade, principalmente com a falta de alimentos. O cacique Gwirapepó, ou José Fernandes, contou que a tribo possui mais sete alqueires de áreas demarcadas, mas que estão sob litígio desde 1978, quando foram invadidas pelos responsáveis da extinta Rede Tupi.



A dança guerreira *sondaro* abriu a apresentação do projeto que resgata os valores culturais indígenas



Nenhuma das crianças vai à escola



Os conquistadores da América serão julgados num tribunal em outubro

Plantações são insuficientes

A comunidade guarani de Barragem sobrevive plantando mandioca, milho banana e cana, além da confecção de artesanato. A área de plantio, no entanto, é insuficiente para garantir uma vida de fartura. O índio Karai Gaúcho, responsável pelos programas agrícolas da aldeia, aguarda ansioso o fim do porocesso judicial contra a Rede Tupi para poder desenvolver outros projetos de agricultura na área sub judice.

Karai Gaúcho não é guarani, ele pertence à nação Kaingang, do Rio Grande do Sul, mas vive num rancho próximo da aldeia Morro da Saudade e acredita que os índios devem ter acesso à educação para que possam aplicar o aprendizado em benefício de seu povo. Atualmente, nenhuma criança do Morro da Saudade frequenta a escola. Os ensinamentos, inclusive a língua portuguesa, ficam por conta do cacique Gwirapepó, que

também acumula a função de pajé. Segundo Karai Mirin, que coordena a campanha dos 500 Anos de Resistência Indígena, com apoio das secretarias municipais de Educação e Cultura, na futura escola da reserva as crianças índias poderão se aperfeiçoar nas duas línguas e aprenderão outras disciplinas, como Matemática. O índico esclarece, porém, que os ensinamentos serão aplicados nos moldes da pedagogia indígena.